



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

VANDELMA SILVA CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO ROMANCEO *MULATO*
DE ALUÍSIO AZEVEDO

PICOS
2015

VANDELMA SILVA CARVALHO

**A REPRESENTAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO ROMANCE *O MULATO*
DE ALUÍSIO AZEVEDO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras/Português, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho.

PICOS

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C331r Carvalho, Vandelma Silva.

A Representação da discriminação racial no romance O
Mulato de Aluísio Azevedo / Vandelma Silva Carvalho. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (47 f.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. Esp. Margareth Valdivino da L. Carvalho

1. Discriminação. 2. Naturalismo. 3. Racismo. 4. Negro. I.
Título.

CDD B869.309

VANDELMA SILVA CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO ROMANCE *O MULATO*
DE ALUÍSIO AZEVEDO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Aprovada em 16 de janeiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Profa. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Orientadora – UFPI

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Profa. Me. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Examinadora – UESPI

Juscelino Francisco do Nascimento
Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento
Examinador – UFPI

A Deus, que me deu força para não desistir diante das dificuldades. A minha família, pelo incentivo e apoio. A minha orientadora, professora Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho, que me auxiliou na realização desse trabalho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, a Deus, por ter me concebido sabedoria, dando-me coragem e determinação para conseguir essa etapa na minha vida.

A minha filha, Laura Vitória, razão do meu viver, que sempre estava comigo.

Aos meus pais, Francisca Maria e José Raimundo, e aos meus irmãos: muito obrigada, pelo incentivo nessa longa caminhada.

Ao meu namorado, Sinval, que sempre me acompanhou nessa trajetória com seu apoio e carinho.

A minha orientadora, Professora Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho, que contribuiu para a concretização desse trabalho, transmitido seus conhecimentos.

Aos meus amigos, que nesta caminhada muito me ajudaram, especialmente a Flavia, Elaine, Aparecida, que acreditaram em mim em meio a tantas dificuldades.

E, por fim, a todos que contribuíram de alguma forma para a conclusão desse trabalho.

RESUMO

Esta monografia apresenta como temática a representação da discriminação racial no romance naturalista *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, no qual será analisada criticamente a postura discriminatória dos personagens Diogo e Maria Bárbara em relação a Raimundo, protagonista da obra. Nesse sentido, essa pesquisa foi realizada a partir do levantamento bibliográfico, com base em autores como Bosi (2006), Coutinho (2004), Moisés (1985), Moura (1988), Sodré (1963), Guimarães (1999), Zola (1979), dentre outros. Esse trabalho tem como objetivo principal analisar e discutir a discriminação racial presente na obra em análise. Desse modo, faz-se necessário destacar que o romance em estudo se caracteriza, principalmente, por conter, em sua narrativa, aspectos que discriminam e inferiorizam o negro. Nesse sentido, ressalta-se que o preconceito racial no Brasil sempre existiu. No século XIX, o negro era visto pela sociedade como um “indivíduo” inferior ao branco e por não possuir a pele clara era considerado um sujeito rude, marginalizado, que possuía serventia apenas no trabalho braçal, dessa forma, compreende-se que a cor da pele era um dos principais fatores que indicava a classe social a qual pertencia. Um fator importante é que o romance *O Mulato* pertence à escola literária realista-naturalista, estética que se preocupou em retratar a realidade social desse período, sendo assim, o Naturalismo teve como um de seus propósitos levar para a prosa literária, personagens que representam as classes sociais desfavorecidas, fato que evidenciou a figura do negro no centro narrativo naturalista. Por meio da análise crítica da obra, foi possível perceber que esse romance está relacionado diretamente à discriminação racial da época em estudo, a qual relata atitudes discriminatórias contra o negro, independente da sua posição social.

Palavras-chave: Discriminação. Naturalismo. Racismo. Negro.

ABSTRACT

This monograph presents as a thematic representation of racial discrimination in the naturalistic novel *The Mulato*, of Aluísio Azevedo, which will be critically analyzed the discriminatory attitude of the characters and Diogo Maria Barbara in relation to Raimundo, protagonist of the work. In this sense, this research was carried out from the literature, by authors such as BOSI (2006), Coutinho (2004), Moses (1985), Moura (1988), SODRÉ (1963), Guimarães (1999), ZOLA (1979) , among others. Therefore, this study is meant to examine and discuss the racial discrimination present in the work under review. Thus, it is necessary to point out that the novel under study is characterized mainly by containing in his narrative aspects that discriminate and inferiorize the black. In this regard, it is noteworthy that racial prejudice in Brazil has always existed. In the nineteenth century, the black was seen by society as an "individual" lower white and do not have clear skin was considered a subject rude, marginalized, who owned usefulness only in manual labor , therefore, it is understood that the color skin was one of the main factors that indicated the social class to which he belonged . An important factor is that the novel *The Mulato* belongs to the realistic - naturalistic literary school, aesthetics who bothered to portray the social reality of that period, so Naturalism had as one of its purposes lead to literary prose, characters representing the disadvantaged social classes, a fact which showed the figure of the black in the naturalistic narrative center. Through critical analysis of the work, it was revealed that this novel is directly related to racial discrimination of the time in study, in which reports discriminatory attitudes against the black, regardless of their social position.

Keywords: Discrimination . Naturalism. Racism. Black .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. REALISMO E NATURALISMO: A DENÚNCIA SOCIAL NO SÉCULO XIX	12
1.1 A crítica à Sociedade: A postura moralista do naturalismo brasileiro	17
2. O NEGRO E A IDEOLOGIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX ..	20
2.1 A discriminação racial no século XIX	20
2.2 O negro na sociedade Maranhense do século XIX	26
3. A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO NATURALISMO BRASILEIRO	29
3.1 Aluísio Azevedo: O introdutor do naturalismo	31
4. ANÁLISE DA OBRA O MULATO	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sobre o racismo na obra *O Mulato* de Aluísio Azevedo, que reflete a sociedade brasileira, mais especificamente, o comportamento social maranhense do século XIX em relação ao negro. Destacamos que essa obra foi o marco introdutor do Realismo-Naturalismo no Brasil sendo, portanto, representativa para compreensão de fatos sociais e literários do período ao qual pertence a obra.

O Mulato, publicado em 1881, retrata o preconceito racial da sociedade, em São Luís do Maranhão, no século XIX, mostrando a realidade social da época de uma forma crítica. Nesse sentido, Bosi (2006, p.189) ressalta que “a leitura de *O Mulato*, que passa pelo primeiro romance naturalista brasileiro, dá uma boa visão do meio maranhense do tempo (...).” Diante disso, é possível perceber a importância desse romance, pois possui aspectos raciais que repercutem ainda nos dias de hoje.

O romance, apesar de ser de cunho naturalista, apresenta elementos românticos com traços da realidade da época, através do envolvimento amoroso do personagem Raimundo com a sua prima Ana Rosa. Porém, por questões raciais, Raimundo não terá a permissão da família de sua amada para casar-se com ela e por conta, disso, enfrentarão muitas dificuldades para viver esse amor.

Sobre o racismo, ressaltamos que, no século XIX, no Brasil, o negro era visto como uma raça inferior condenado a viver de forma impiedosa e miserável, pois não tinha direito a nada, independente da sua escolaridade. Tais características estão presentes no romance a ser trabalhado. Baseado nisso, surge o seguinte problema: Em que parte da obra *O Mulato* estão presente traços da discriminação racial predominante no final do século XIX? No que concerne à hipótese, apoiamo-nos em Moisés (1985), que afirma que o escritor Aluísio Azevedo, através de experiências vividas no Maranhão, procurava denunciara hipocrisia da sociedade, colocando, de maneira forte e polêmica, o racismo, na intenção de combater o preconceito.

Em relação à justificativa, ressaltamos que trabalhar com as questões raciais se faz importante pelo fato de termos vivido no Brasil um período bastante constrangedor, que foi a escravidão, que a mesma envolveu a população negra que pertencia à classe mais discriminada de nosso país. Nesse sentido, *O Mulato* relata o envolvimento amoroso entre uma mulher branca, Ana Rosa, com um rapaz negro,

Raimundo, os quais eram primos e pertenciam aos dois extremos da sociedade maranhense da época, que era a elite escravocrata e os negros escravizados. Raimundo concluiu seus estudos em Lisboa e, ao voltar a sua cidade natal, passa a ser discriminado pela sociedade, fato que o impede de viver o seu romance com Ana Rosa, uma vez que ele era um mulato e ela era uma moça de pele clara. Dessa forma, conforme o pensamento da sociedade da época, o relacionamento entre esses personagens confrontava a elite social, que não aceitava em hipótese alguma a mistura de raças (etnias é o termo mais adequado cientificamente), (a branca e a negra).

Em *O Mulato*, conseguiu falar de forma minuciosa sobre a discriminação e preconceito vivenciados pelos escravos no período do século XIX, retratando esses acontecimentos de maneira forte e polêmica, pois esse romance teve como fundamento denunciar a hipocrisia e o preconceito da sociedade da época, com o objetivo de despertar a atenção da população maranhense.

A produção deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar a discriminação racial presente nos personagens Maria Barbara e Diogo em torno do protagonista Raimundo. Para tanto, foram realizados vários tipos de leituras, que se fundamentaram, sobretudo, no romance em estudo levando em consideração estudos que abordam a discriminação racial, o preconceito, o racismo, o Naturalismo e o comportamento da sociedade no século XIX.

Dessa maneira, será uma pesquisa explicativa, na concepção de Gil (2011, p.28) “este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. Assim é imprescindível ter um conhecimento mais profundo sobre a discriminação racial do século XIX.

Este trabalho se divide em quatro capítulos. No primeiro falaremos da denúncia social que é feita a sociedade brasileira pelo olhar do Naturalismo. No segundo capítulo, trataremos do negro e da ideologia da sociedade brasileira propriamente dita tanto do século XIX de modo geral, bem como da sociedade maranhense do mesmo século.

No terceiro capítulo, abordaremos primeiramente, a representação do negro pelo viés do naturalismo brasileiro; em seguida, faremos uma pequena abordagem sobre o autor Aluísio Azevedo. E por fim no quarto capítulo, discutiremos a análise realizada dentro do romance *O Mulato*, a respeito da discriminação sofrida pelo personagem Raimundo. Este estudo possibilitará uma discussão sobre as questões

raciais e as injustiças pelas quais a sociedade maranhense do século XIX estava passando, ajudando- nos a compreender como esse processo histórico e social interfere hoje em nossas vidas.

1. REALISMO E NATURALISMO: A DENÚNCIA SOCIAL DO SÉCULO XIX

O século XIX foi um período marcado por grandes mudanças econômicas, sociais e políticas no Brasil. A monarquia encontrava-se em transe, pois ainda utilizava um tipo de governo que não se ajustava mais às necessidades da população, nesse caso, era imprescindível a implantação de um governo que correspondesse às expectativas da sociedade (MOISÉS, 1989). Com isso, o regime monárquico foi substituído pela República, já que este último era uma forma de governo que dava direito à população escolher seus representantes.

Sendo assim, a partir de 1870, as lutas contra o regime monárquico se intensificaram cada vez mais, além disso, a estrutura socioeconômica baseada no latifúndio e na mão de obra escrava entrou em decadência devido às novas ideias liberais, que estavam surgindo em direção à modernização.

Baseado nisso, Bosi (2006, p.173) ressalta que “os anos de 60 tinham sido fecundos como preparação de uma ruptura mental com o regime escravocrata e as instituições políticas que o sustentavam”. Com isso, nota-se que as mudanças que ocorreram nesse período contribuíram para o rompimento entre a ideologia aristocrática contra o sistema escravista presente na alta sociedade.

Diante disso, ressalta-se que o processo abolicionista contribuiu para a evolução do país, uma vez que fortaleceu o progresso financeiro e tecnológico graças ao processo de industrialização, que passou a predominar no Brasil a partir desse período.

Como trabalho escravo “abolido”, em 1888 houve a expansão do trabalho migratório nas lavouras brasileiras de café, proporcionando a entrada do processo de imigração europeia com o sistema de parceria (o qual custeava os transportes dos trabalhadores até as fazendas), tendo como objetivo incentivar a entrada de imigrantes no país. Na visão de Coutinho (2005, p.17) “de uma sociedade agrária, latifundiária, escravocrata, aristocrática, passava-se para uma civilização, burguesa e urbana, fase preparatória da industrialização”. A partir daí, o trabalho escravo foi sendo substituído lentamente pelo trabalho livre (assalariado).

Nesse período, a arte literária deu espaço às estéticas denominadas Realismo e Naturalismo, que surgiram na intenção de radicalizar o subjetivismo romântico, adotando uma nova forma de encarar a sociedade da época. Segundo Miguel Pereira (173, p.121) “na década de 80 se modifica de modo sensível o nosso

panorama literário” Com a saturação do Romantismo, os escritores optaram por acabar com a idealização romântica, levando para a narrativa algo diferente, uma arte mais próxima da realidade social, que retratasse de maneira fiel o comportamento da burguesia, além de privilegiar outras classes sociais, mostrando os problemas sem receio, o homem com qualidades e defeitos, um mundo concreto, apoiado nas ciências (MOISÉS, 1989).

Os escritores do século XIX deixaram de lado as preocupações teológicas e metafísicas presente no universo romântico e passaram a se apoiar na visão de um mundo proposto pela ciência. Acreditavam que o cientificismo era o caminho mais propício para resolver os problemas sociais advindos dos burgueses e que suas obras deveriam ser produzidas com base científica em prol do social com o propósito de solucionar os males existentes na sociedade e não apenas como uma apresentação do estado da alma como faziam os românticos (MOISÉS, 1985).

Dessa maneira, Coutinho (2004, p.12) afirma que “como os realistas, porém, os naturalistas desdenharam do sentimentalismo preocuparam-se com a época contemporânea e construíram seus livros sobre o fundamento dos fatos precisamente observados e fielmente recolhidos”.

Portanto, percebe-se que tanto o Realismo como o Naturalismo desprezaram a estética romântica e deram mais ênfase à veracidade dos fatos, inclusive no espaço social. Por esse motivo, procuraram usar, em seus romances os acontecimentos observados com fidelidade na sociedade.

O Realismo e o Naturalismo tiveram um grande domínio na história literária da época. Ambas as estéticas possuem características em comum, pois estão relacionadas umas com a outra, porém, carregam traços que as distinguem (MOISÉS, 1985). Por isso se faz necessário fazer a definição não só do Naturalismo, estética abordada neste trabalho, mas também do Realismo apresentando os pontos que os diferenciam.

Coutinho (1999, p.73), no que se refere à distinção de Realismo e Naturalismo, afirma que:

Enquanto o realismo propendia a um registro fiel da sociedade, servindo a verdade no presente, como a história a serve no passado, o naturalismo tomava uma atitude de luta aberta, denunciando aquilo que na sociedade reclamava reforma ou destruição.

Diante disso, percebe-se que o Realismo e o Naturalismo caminham juntos, a diferença entre os dois se dá em alguns pontos, o primeiro procura retratar com veracidade a realidade social no momento presente sem modificá-lo. O segundo está mais centrado na visão determinista, observando as condições sociais com mais aprofundamento, dando ênfase às camadas mais inferiores e denunciando as mazelas existentes, propondo possíveis mudanças.

O Realismo surgiu na França, por volta de 1870, graças ao francês Gustave Courbet, que por meio de suas pinturas, retratava a realidade na qual estava inserido. Na prosa, Gustave Flaubert teve a finalidade de levar para suas narrativas uma crítica voraz social e, ao publicar o romance *Madame Bovary*, foi alvo de comentários impiedosos, visto que tal obra abordava e ridicularizava a sociedade burguesa, além de tratar sobre o adultério no casamento, onde a figura feminina assume um novo papel na sociedade.

No Brasil, os autores realistas registravam a realidade por meio da observação, Nesse sentido, Bosi (2006, p. 179) afirma que:

(...) as vicissitudes que pontuaram a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção romântica. Desnadam-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem e muito a área de liberdade. O escritor realista tomará a sério suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.

Conforme a citação acima, os escritores realistas se preocuparam em revelar os desvios da sociedade burguesa, com base na observação das atitudes dos indivíduos em questão. Com o Realismo, a arte se guiará em analisar e denunciar problemas que afetam o mundo social. E, devido a isso, os romances dessa corrente literária se caracterizam por darem ênfase ao cotidiano, reproduzindo personagens tipificados, com defeitos e qualidades.

Fazendo uso de uma linguagem coloquial, os autores realistas aproximam o leitor de suas obras, no entanto, vale ressaltar que o discurso realista, apesar de ser simples, é capaz de consternar e causar indignação no seu público, já que aborda em sua narrativa uma crítica contra a sociedade desse período. Dotadas de verossimilhança, as obras realistas retratavam fatos e situações do cotidiano,

explorando principalmente a Igreja e o casamento, definindo-se como anticlericalismo e antissocial.

A estética realista busca apresentar, acima de tudo, a veridicidade, empregando o método documental e observatório, usando detalhes minuciosos, fazendo com que a obra se apresente lenta e longa, fazendo notar a realidade dos fatos. Por esse motivo, a prosa realista pode ser considerada romance de caráter documental, já que traz em sua narrativa uma observação fiel do espaço social (MOISÉS, 1985).

Ainda no século XIX, as teorias científicas passaram a prevalecer no nosso país, tendo como destaque o Positivismo, de Augusto Comte, que consiste no saber pelas leis científicas, ou seja, o pensamento positivista acreditava que, para se alcançar a “verdade”, era imprescindível ter como base a comprovação científica. Além disso, outras teorias importantes foram o Evolucionismo de Charles Darwin, que postulava a seleção natural do homem em seu meio, e o Determinismo de Taine, que entendia que o homem era determinado pelas forças biológicas, o meio, a raça e o momento, a partir daí surgiu a geração materialista. Seguindo essa linha de pensamento, Bosi (2006, p.173) nos diz que de “1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e evolucionismo”. Dessa forma, compreende-se que a ciência passou a ter grande influência social nesse período.

A partir dessas concepções surge a arte naturalista. O Naturalismo é uma estética de tese experimental, que visa observar e analisar a realidade social, focando com profundidade no coletivo, com uma visão determinista por meio dos métodos científicos, mostrando as questões sociais, além de dar ênfase às camadas mais inferiores. Segundo Coutinho (1999, p.8): “O Naturalismo foi o movimento que deu forma literária aquelas teorias”. Diante disso, pode-se afirmar que foi o Naturalismo que deu suporte para a concretização desses novos pensamentos na sociedade.

O Naturalismo vem a ser um Realismo avançado com base nas leis científicas, apresentando uma visão materialista da vida, do social e do homem. Dessa forma, esta estética, com seu aspecto polêmico, objetivava que a sociedade reagisse diante dos problemas expostos na sociedade a fim de que houvesse transformações.

O Naturalismo surgiu na França, em 1880, quando Émile Zola publicou o livro *Le Roman experimental*. Acerca desse romance, Coutinho (2005, p.11) aponta que ele:

Substituiu o estudo do homem abstrato e metafísico pelo homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio. Assim, ficou estabelecida, como teoria dominante da literatura naturalista, o determinismo, para o qual “as deliberações morais são determinadas ou são o resultado direto das condições psicológicas e outras” de natureza física.

Diante disso, pode-se afirmar que o homem deixou de ser subjetivo com aquele sentimentalismo característico da segunda fase do Romantismo, passando a ser objetivo, sendo observado no exterior, em seu meio, com base nas teorias deterministas, sendo condicionadas ao comportamento do homem no coletivo. Assim, é importante ressaltar que a oposição ao Romantismo ocorreu não só no que diz respeito às características da segunda geração, fase que era voltada ao subjetivismo exagerado, mas também nas demais gerações, como na primeira, que deu ênfase à temática de exaltação do indianismo, à construção de um herói nacional; e à terceira, chamada de “Condoreira”, voltada às questões sociais, renunciando, assim, as novas ideias e temáticas a serem tão amplamente discutidas no período seguinte”.

Nessa mesma linha de pensamento, Zola (1979, p.18) ressalta que “o romance experimental nada mais é do que a forma ideal da literatura destes novos tempos científicos”, ou seja, nesse período, a melhor forma dos escritores utilizarem nas suas obras literárias são os fatos observados e a experiência, o que deve prevalecer nessas novas estéticas.

Também no século XIX, o avanço da ciência proporcionou novas aberturas para a inovação do pensamento na literatura. Entusiasmados pelo conhecimento da ciência experimental, os escritores deixaram se conduzir na ficção por experimentos com mais obstinação na exposição do real.

Os naturalistas se mantinham diante da arte como verdadeiros cientistas. Na verdade, o que diferencia o escritor naturalista do cientista é fato de que o especialista, em seu laboratório com muitas de suas experiências, tem o objetivo de alcançar um resultado positivo dos acontecimentos, já os escritores utilizam a obra para mostrar as situações do social, levando em consideração os fatores hereditários e o momento (MOISÉS, 1989).

Nesse aspecto, de acordo com Miguel-Pereira (1973, p.130), “o artista, por mais que se esforce, não pode conduzir como um homem da ciência”. Diante do que mencionado, na concepção da autora, por mais que os escritores apliquem-se no conhecimento, não se podem deixar se induzir completamente, como pessoa da ciência, pelo fato do romancista estar mais apto à sensibilidade, diferente do cientista em que prevalece o raciocínio. Contudo o que domina à época são os autores se comportarem como homem da ciência, sendo aplicado um diagnóstico ao indivíduo como se fosse um animal de laboratório.

Assim, tendo discutido, de maneira geral, as principais características do Realismo/Naturalismo, passemos para a seção seguinte onde, se discutiremos de maneira mais específica, como surgiu o Naturalismo no Brasil.

1.1 A crítica à sociedade: A postura moralista do Naturalismo Brasileiro

O Naturalismo no Brasil teve início com a publicação da obra “*O Mulato*”, de Aluísio de Azevedo. Essa estética pode ser considerada como o Realismo levado até as últimas consequências, pois procurava dar explicações científicas ao comportamento humano. As atitudes do ser humano são encaradas como um produto de fatores externos, biológicos ou sociais. E, nesse aspecto, o homem se torna alvo das leis naturais.

Segundo Bosi (2006, p.183):

O determinismo reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas.

Baseado nisso, a teoria determinista classifica o homem como um indivíduo influenciado por fatores genéticos, pelo meio e o social. Nessa perspectiva, o ser humano não possui escolhas, pois já nasce com seu destino predestinado, além disso, na visão naturalista, os personagens são corrompidos na narrativa pela sociedade, devido estarem inseridos em ambiente desfavorável tanto moral como social, exercendo influências sobre o indivíduo.

Coutinho (1988, p. 182) aponta que:

A biologia, com a teoria determinista e sua promessa de melhorias de saúde e de raça, conquistou uma voga dominadora, problemas de hereditariedade, de embriologia, de estrutura celular, de bacteriologia, seduziram os espíritos. O darwinismo, a evolução e a doutrina da seleção natural imprimiram direção às pesquisas, não somente da biologia, mas também da psicologia e das ciências sociais.

Essa abordagem científica mostra o ser humano condicionado por patologias, taras e impulsos biológicos, além de ser conduzido pelo papel que a sociedade lhe dá. Os escritores analisam as doenças e vícios na formação da personalidade humana, bem como observam a influência da natureza, do meio social, da família e da educação dos personagens no comportamento humano.

Os naturalistas fizeram da literatura uma arte engajada, tiveram o compromisso com o momento atual e, por meio de suas obras, denunciaram a hipocrisia existente na sociedade, que antes não foi desvendado. Além disso, mantinha certa frieza, como também fidelidade aos problemas expostos.

Os escritores naturalistas não se limitaram somente aos problemas já conhecidos, mas procuraram expandir as suas observações aos assuntos desconhecidos pela sociedade.

Segundo Sodré (1965, p.136-137):

O instrumento aparentemente poderoso do naturalismo consistia na descrição fria e fidelíssima, na mera reprodução, naquela "bisbilhotice de trapeiros" já referida por alguém. A reprodução fiel, a cópia habitual, tornou-se uma receita. Ela se definiu sob as condições da sociedade do ocidente europeu na segunda metade do século XIX. Havia de reproduzir, e não apenas aqueles cenários antes objeto de reprodução, mas outros, alargando o campo de observação e integrando nele outras faixas de atividade humana. O naturalismo, assim buscou crescer em extensão, quantitativamente. Não reproduzir o conhecido, o costumeiro aquilo que vinha sendo objeto de narração romântica, mas também, e principalmente, aquilo que ela escondera com o seu véu denso e reformante. Ora, o mais velho dos temas, o do amor, tinha um mundo escondido. Foi esse mundo que o naturalismo atacou principalmente, atacou o fundo, trazendo para a ficção os aspectos recônditos, violentos e orgânicos do amor. O que, antes, era apenas sentimento, passou a ser apenas fisiologia.

Nesse contexto, nota-se que os escritores naturalistas levaram, para suas obras, personagens problemáticos, desprovidos de sentimentalismo ou idealização. Não existiam heróis como no Romantismo, e sim indivíduos sem caráter. Em relação à temática amorosa, o Naturalismo trouxe à tona temas que antes não eram revelados, como o adultério, sexo antes do casamento, a prostituição, dentre outros.

Outro tema também presente no romance Naturalista é a questão do negro. Na época ainda prevalecia o sistema escravocrata, sendo assim, os Naturalistas se preocuparam em retratar em suas obras a condição do negro sem desvios, mostrando explicitamente a realidade atual na sociedade. Os escritores naturalistas que mais utilizaram sobre o assunto foram Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Júlio Ribeiro.

Os naturalistas tinham o costume de levar para seus romances as patologias sexuais, sendo o sexo é retratado de maneira compulsiva, levada até os últimos extremos, retratando um homem incapaz de negar e saciar seu desejo, pois é influenciado pela natureza. Nas palavras de Moisés (1989, p.18), “para demonstrar a tese, os realistas escolhiam casos patológicos, não por considerá-los excepcionais, mas porque os julgavam indícios das mazelas que corroíam a sociedade”. Nessa perspectiva, o Naturalismo procurou deixar em evidência a vida sexual, favorecendo nas suas narrativas a classe inferior, descrita de forma detalhada, com a intenção de constranger o leitor.

O zoomorfismo é uma característica que também constitui os romances naturalistas, este compara o comportamento humano como a do animal, sendo dependente do meio em que vive. Sobre esse assunto, Bosi (2006, p.202) aponta que:

A redução das criaturas ao nível animal cai dentro dos códigos antirromânticos de despersonalização; mas o que uma análise mais percuciente atribuiria ao sistema desumano de trabalho, que deforma os que vendem e ulcera os que compram, a consciência do naturalista aparece como um fado de origem fisiológica, portanto inapelável.

Nesse aspecto, o zoomorfismo retrata o homem como um ser irracional, pois, assim como um animal, ele não pensa ao tomar uma atitude, ou seja, ele age por impulso. Isso acontece porque o Naturalismo tem a intenção de explicar o homem na sua degeneração, ou seja, o homem na sua transformação.

2. O NEGRO E A IDEOLOGIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

2.1 A discriminação racial do século XIX

A partir desse capítulo, será discutida a situação do negro no século XIX, além de apontar como se apresentou o preconceito racial, temática presente na obra que será analisada neste trabalho.

Como já foi mencionado, o século XIX foi um período caracterizado por intensas transformações. O país caminhava rumo a um novo status político, a República, porém o sistema escravista ainda predominava. No entanto, na metade do século XVIII, na Inglaterra ocorreu um processo chamado de Revolução Industrial. Esses avanços tecnológicos propiciaram o surgimento de novas indústrias pronunciado à mudança da estrutura econômica no país. Em virtude disso, a Inglaterra se preocupou em expandir seus produtos industrializados no mundo inteiro (MOISÉS, 1985).

Os ingleses despertaram interesses econômicos no Brasil, com intuito de comercializar seus produtos, no entanto o sistema escravista representava um grande empecilho para que sucedesse o desenvolvimento internacional no país, que por sua vez necessitavam de compradores. Eles desejavam expandir o comércio de produtos industrializados, mas, em contrapartida, exigiram o fim da escravidão de todos os países que mantinham o sistema. A partir disso, o Brasil passou a sofrer pressões da Inglaterra para que interrompesse a escravidão, todavia o parlamento brasileiro não deu tanta importância às determinações dos ingleses (MOURA 1988).

Dessa forma, foi aprovada a lei de Bill Aberdeen, em 1845, pelo parlamento inglês, que autorizava aprisionar todos os navios que traziam negros da África. Por conta disso, o sistema de escravidão se adentrava em crises (BOSI, 2006). Com as medidas tomadas pelos ingleses, o Brasil não teve mais como retardar a abolição, e, desse modo, foi criada uma lei que proibia o comércio negreiro, a Lei Eusébio de Queiroz.

A partir de então, com a vigência da lei Eusébio de Queiroz, em 1850, que proibiu o tráfico negreiro internacional, tornou-se uma questão de tempo para que houvesse o desaparecimento da escravidão. Ainda nessa mesma época, predominavam as Campanhas Abolicionistas, movimentos urbanos que lutavam a favor da abolição da escravidão no Brasil.

Na verdade, os abolicionistas acreditavam que, com a existência do sistema escravista no Brasil, o desenvolvimento da nação não iria progredir. Por esse motivo, era necessário acabar totalmente com o trabalho escravo, e substituí-lo por um tipo de trabalho que trouxesse progresso ao país. Nesse caso, ganhou destaque o trabalho livre assalariado, que libertaria pessoas mantidas no cativeiro (COSTA, 2007).

De acordo com Conrad (1978, p.192), no que diz respeito à abolição, “pensava-se [que], além de libertar centenas de pessoas do cativeiro injusto, estimularia a imigração europeia e agricultura e elevaria o caráter moral da nação (...)”, ou seja, os abolicionistas tinham interesse em provocar a abolição da escravidão, todavia, eles não tinham apenas como propósito tirar do cativeiro os escravos, mas, acima de tudo, exaltavam a evolução do Brasil, no intuito de repassar uma imagem positiva do país.

Dessa forma, começaram a se posicionar diante da sociedade, com divulgação em panfletos, em imprensa, comícios com o intuito de chamar atenção da população a fim de tornarem a favor da abolição da escravidão. Essas reivindicações abolicionistas tiveram um papel significativo para a decisão da extinção escravista, principalmente com o apoio de alguns segmentos da sociedade, dentre alguns jornalistas, as elites políticas e membros do exército militar que constituiu na Guerra do Paraguai, a qual contribuiu favoravelmente para a abolição escravista. Também vale ressaltar que houve a participação de diversos escritores e intelectuais no que diz respeito à abolição, tendo como destaque o poeta e autor do Navio Negreiro, Castro Alves.

Também no Brasil o corria a Guerra do Paraguai, entre 1865 e 1870, na qual o governo, com intenção de aumentar o exército brasileiro, estimulava os proprietários de latifúndios a enviarem seus escravos para a guerra, como soldados. Em troca, os escravos ganhariam a sua liberdade, porém esse processo teve um resultado trágico, um grande número de escravizados que foram mortos, em consequência contribuiu para diminuir o número de escravos existente. Sendo assim, em 1870 com a vitória do Brasil na guerra, proporcionaram o crescimento no país as lutas pela abolição.

Após esse conflito, os militantes, junto com povos de outros setores como membros da classe média já mencionados se organizaram no movimento em defesa da abolição, onde passaram a existir as campanhas abolicionistas. Devido ao início

dessas reivindicações, o governo, temendo o crescimento do movimento, o parlamento do império consagrou em 1871 a Lei do Ventre Livre, como afirma Azevedo (1975, p.24): “seriam livres os que nascessem de mãe escrava, ficando aos cuidados desta até os oito anos e obrigados, desde então aos 21 anos, a servir seus presumidos proprietários”. Com isso, percebe-se que essa lei foi um dos fatores que contribuiu em direção à libertação dos escravos de maneira gradual, mesmo sem muita repercussão.

A esse respeito, Costa (2007, p.337) afirma que:

A partir do momento que a lei do ventre livre foi votada, os mais ferrenhos opositores converteram-se em opositores, converteram-se em seus defensores e opuseram-se a novas medidas. Os antiescravistas, entretanto, não se deram por satisfeitos.

Diante disso, pode-se entender que a Lei do Ventre Livre não atendeu às pretensões exigidas pelos antiescravistas, pois, com essa lei, o fim da escravidão levaria muito tempo a se extinguir, assim, exigiram medidas que propiciassem com mais eficácia o fim da escravidão.

Nesse aspecto, as lutas abolicionistas ganharam espaço cada vez mais na sociedade, levando o governo a assinar a um novo regulamento, a Lei dos Sexagenários, que instituía pôr em liberdade os escravos com 60 anos de idade. Porém, essa lei não preocupou tanto os proprietários, pelo fato das péssimas condições de vida que os escravos levavam, uma vez que a maioria não conseguia chegar a essa idade.

Desse modo, a situação em que se encontrava o Brasil devido aos conflitos que ocorria, a desordem que a sociedade se achava, tornou insustentável permanecer com o trabalho escravo, era impossível os proprietários de escravos continuarem com as tentativas de adiarem a abolição. Dessa maneira, o país precisava se emancipar. “Costa (2007, p.341) ressalta que “a escravidão perdia suas últimas bases”. Ou seja, o fim da escravidão se aproximava cada vez mais, e a sociedade passou a viver um novo cenário social.

Em 1888, foi promulgada a Lei Áurea, firmada pela princesa Isabel, que deu aos escravos a sua “liberdade”, porém essa lei não garantiu o direito social, pois as classes sociais predominantes não se preocuparam em incluir os ex-escravos à sociedade. Nessa linha de pensamento, afirma Costa que (2007, p. 343), “as

camadas sociais dominantes não se ocuparam do negro e da sua integração na sociedade de classe”.

Sendo assim, eles ficaram na miséria, sem nenhuma perspectiva de vida, além disso, sem nenhuma garantia de proteção, passando a levar uma vida similar a de antes, em uma sociedade de preconceitos (CONRAD, 1978).

Com isso, a extinção da “escravidão” ocorreu em 1888 pela Lei Áurea deixando livres os indivíduos, que ainda permaneciam nas fazendas sob condição de escravo, sendo que nesse período, em consequências das revoluções, das rebeliões que ocorreram nas senzalas e da agitação na sociedade devido às manifestações da população, muitos dos escravos já tinham fugido para os quilombos.

Tomando como base todo o contexto histórico, político e social pelo qual o Brasil passou nesse período evidenciam-se que, mesmo após a abolição da escravatura, em 1888, o negro continuou com uma vida em regime de escravidão, sem oportunidades, sem emprego e sem espaço na sociedade da época, o que o obrigou, em muitos casos, a continuar nos domínios de seus senhores.

O final do século XIX foi marcado pela transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado, o qual, em consequência disso, levou a um processo de exclusão dos negros da sociedade, direcionando-os a uma classe desfavorecida. Abandonados ao próprio destino, não tiveram nenhuma oportunidade, e nem preparo para se adequar às exigências do novo sistema de trabalho que seguia. Como afirma Azevedo (1975, p.25) “os escravos se dispersaram embriagados com novas expectativas e desajustados nos novos papéis sociais de assalariado e cidadão, vindo a compor nas maiores cidades uma massa de inaptos ou de desfavorecidos (...)”.

De acordo com a citação, nota-se que os escravos, após a abolição, se espalharam por todo o país com novas perspectivas de vida, porém, não tinham experiência e qualificação para se inserir na sociedade como pessoas livres, e, sobretudo, não estavam aptos a entrar no mercado de trabalho assalariado, passando a fazer parte das camadas sociais menos favorecidas economicamente.

Assim, os ex-escravos, sem oportunidade e sem conseguir adaptar-se ao novo sistema de trabalho, foram excluídos do mercado trabalhista, na proporção que os imigrantes passaram a ganhar relevância, e, em decorrência disso, ocorreu a substituição dos serviços dos ex-escravos pelos dos imigrantes. Embora os

estrangeiros fossem exercer os mesmos trabalhos que os escravos faziam, preferiam os imigrantes pelo fato de serem brancos.

No que diz respeito à adaptação dos ex-escravos, Furtado (1970, p.140) ressalta que “o homem formado dentro desse sistema social (escravidão) está totalmente desaparelhado para responder aos estímulos econômicos”. Diante do mencionado, o indivíduo desenvolvido sob a forma do regime escravocrata estava completamente desestruturado para corresponder às novas exigências de uma economia baseada no trabalho assalariado.

Na sociedade brasileira do século XIX, havia um ambiente propício ao preconceito racial, dificultando muito a integração do negro. De fato, no Brasil, após a República, predominava a ideologia de uma sociedade civilizada, que tinha como modelo a cultura europeia, em especial branca. Essa ideologia, portanto, contribuía para o aumento do preconceito e discriminação para com os negros, pardos, mestiços ou crioulos, preconceito que se manifestava de várias formas: pela repressão às suas atividades culturais, pela restrição de acesso a certas profissões, as “profissões de branco” (profissionais liberais, por exemplo), também pela restrição de acesso aos locais públicos, à moradia em áreas de brancos, à participação política, e muitas outras formas de discriminação.

As elites brasileiras queriam transformar o país em uma civilização semelhante à europeia. Passou a existir a filosofia do branqueamento logo após a abolição, o que favoreceu ao interesse pelo imigrante na mão de obra assalariada, através do imigrante o país deixaria o atraso causado pela escravidão e alcançaria o progresso. Segundo Moura (1988, p.99), “remetidas pela própria população negra as causas fundamentais do seu atraso social e cultural, político e existencial resta apenas procurar branqueá-los”. Dessa maneira, essa relação entre imigrantes e progresso constituía a base para que o país retomasse o crescimento tanto econômico quanto cultural.

Desse modo, a única maneira de propiciar o avanço do Brasil era por meio da imigração. Baseados nisso, os imigrantes atraíam a interesses para o país não só no sentido do trabalho, mas também cultural. Tendo em vista que a cultura dos estrangeiros era considerada próxima à do Brasil, com isso trariam benefício ao país. Assim, repudiaram os aspectos culturais dos negros pelo fato de não serem tidos como cristãos. Por isso, os escravos estavam impossibilitados de disputar com os imigrantes no campo de trabalho livre, sendo submetidos a uma vida semelhante

a que tinham antes da abolição, sem terra, sem direito à alfabetização, e condições para aprenderem algum tipo de profissão. Sendo assim, os ex-escravos passaram pelas mesmas causas de discriminação, mas sobre a forma de racismo.

A época que acompanhava a abolição foi marcada pelo avanço econômico e pela urbanização, seguida de tentativas de crescimento industrial no país. Porém, os negros não tiveram a chance de aproveitar essas oportunidades, pois eram visto como incapazes de ocupar a mesma função que o branco fazia parte. Conforme Costa (2007, p. 343), “os ex-escravos, marcados pelo legado da escravidão não conseguiram, salvo raras exceções, competir com o estrangeiro no mercado de trabalho”.

De fato, percebe-se que a herança do passado carregado pelos não-brancos contribuiu para a exclusão social, impossibilitando que estes competissem com os imigrantes e, em consequências disso, suas dificuldades de acomodação às novas situações de vida foram interpretadas como incapacidade e inferioridade de sua etnia.

Também surgem no Brasil as teorias racistas ligadas à escravidão que foram fortalecidas após a abolição, apoiadas pelas teorias biológicas de inferioridade do negro, essas ideias racistas procuraram justificar a escravidão. Nessa linha de pensamento, Guimarães (1999, p.30) relata que “os negros eram escravizados ou mantidos em situação de “ralé” porque sua “raça” seria, intelectual e moralmente, incapacitada para a civilização”. Com isso, entende-se que racismo era uma ideologia que classificava uma “raça” superior a outra, nesse caso seria o branco superior ao negro e utilizaram do pensamento racista para explicar a exploração do trabalho servil.

Hasenbalg (1982, p.69) conceitua o racismo como uma “negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constitui a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor”. Em vista disso, de acordo com autor, esse domínio que tinha como base a discriminação em todos os aspectos sociais e culturais e, sobretudo, humano.

Na verdade, os negros eram considerados como animais selvagens, marginalizados devido à cor da pele, não eram considerados como seres humanos. Nesta época, a cor da pele era considerada fator determinante da classe social a qual o indivíduo pertencia. Em consequência disso, os negros pertenciam às

categorias mais baixas da sociedade, realizavam os piores tipos de trabalho e eram mal remunerados.

Para Moura (1988, p.99), no que se refere à condição do negro:

No Brasil a situação do negro era praticamente de um animal. Não havia diferença entre o tratamento que se dava a uma besta e o que se dispensava a um negro escravo. Mas essa legislação repressora, escravista e despótica por isto mesmo era considerado como normal.

Dessa maneira, foi possível perceber que o autor aponta como era a condição de vida levada pelo escravo, afirmando que o tratamento que o negro tinha era de péssima qualidade, pois era similar à de um animal, além disso, ele era comercializado também como um selvagem, avaliado pela sua cor, sendo caracterizado como algo maldito, sem alma e sentimento.

Tendo relatado de maneira geral, a situação do negro no século XIX, abordaremos em seguida, quais aspectos era tratado o negro dentro da sociedade maranhense na época em estudo, que é o cenário principal da obra que iremos analisar.

2.2 O negro na sociedade maranhense do século XIX

A população maranhense possui um contingente de 70% de pessoas descendentes de negros que viveram no Brasil no período escravocrata. Trazido do continente africano para o Brasil a fim de trabalhar como escravo, em todas as partes, o negro foi colocado no nível mais baixo da escala social, tratado como objeto e não como ser humano que possui cultura e que deve ser respeitado conforme seus direitos (MÉRIAN, 1988)

Com a introdução das teorias racistas, que vigoraram em toda parte por mais de cem a nos através das ideologias científicas, a partir de meados do século XIX, houve a intensificação das situações que envolviam o preconceito contra o negro. Aos poucos, a partir da terceira década do século XX, este panorama começou a ser modificado, surgindo então estudiosos interessados na contribuição cultural que o negro, propiciava à sociedade brasileira. Um desses pesquisadores é o francês Jean-Yves Mérien (1988), que trabalha com a literatura brasileira, e em um de seus trabalhos, fala sobre Aluísio Azevedo, mostrando fatos interessantes sobre a vida

social e cultural do Maranhão na segunda metade do século XIX, especificando a vida dos negros.

Partido da análise que Cesar Marques faz da obra de Mérien (1988, p. 64), podemos compreender como era a vida social e cultural do negro em São Luís após a Lei do Ventre Livre, a qual mostra que os negros e mestiços eram dois terços da população da província do Maranhão em 1875, e, além disso, viviam sofrendo preconceitos raciais da burguesia.

Sobre tais preconceitos, a discriminação estendia-se também ao campo cultural: as festas e os bailes frequentados pelos escravos e pelos pretos pobres eram condenados pela burguesia, comerciantes e vistos como manifestações obscenas e primitivas; os cultos afro-brasileiros eram taxados de superstições grotescas.

Percebemos então que a burguesia da época rejeitava toda e qualquer manifestação da cultura popular do negro. São Luís se configurava entre as mais importantes e desenvolvidas cidades do país no século XIX. Os negros eram proibidos de transitar pelas ruas e praças depois das 21 horas sem nenhuma autorização por escrito do seu dono, não podiam se reunir para comemorações ou beberem em lugares públicos e também não podiam realizar comemoração religiosa ou festas que perturbassem a ordem pública. Segundo Ferreti (2004, p. 22), as festividades e os costumes populares realizados pelos negros foram, portanto, controlados com rigor desde os tempos coloniais até fins do império e durante a primeira metade do século XX. Os escravos, índios e mestiços eram cerceados em suas atividades por inúmeras prescrições.

No Maranhão, a prisão de curandeiros e pajés no final do século XIX e a repressão a terreiros afro-maranhenses na primeira metade do século XX foram bastante registrados por jornalistas, muitas vezes cobrando das autoridades maior rigor no cumprimento da lei e das determinações de órgãos públicos, criados para atuar nas áreas de saúde pública e encarregados da fiscalização dos terreiros. (FERRETI, 2004, p.25).

Interessante também era perceber como as comemorações populares eram vistas como sinônimo de atraso, como também falta de desenvolvimento, de progresso e de civilização, utilizando assim de violência e do controle da polícia para garantir o sossego das famílias distintas da época. Constatamos que este controle sobre festas populares segue no curso do século XX por conta de documentos

desse período, pelo menos até fins da década de 1950, embora tenha continuado até muito depois dessa data.

A religião e as manifestações culturais dos negros foram perseguidas no Maranhão, como ocorria em outros estados. Por isso mesmo, poucos autores maranhenses se interessaram pelo elemento negro e por aspectos de suas manifestações culturais. Na literatura, geralmente quando o faziam expressavam os preconceitos que eram explícitos contra o negro e valorizavam aspectos eróticos nas danças das mulheres negras.

A seguir, veremos como foi representado o negro no Naturalismo brasileiro. E levaremos em consideração, principalmente, os preconceitos vivencia dos por ele.

3. A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO NATURALISMO BRASILEIRO

A Literatura reflete as similaridades do homem com o mundo, em outras palavras apresenta a interação do homem com o social em forma de ficção. Nesse caso, à medida que ocorrem as transformações dessas relações históricas, a literatura também se modifica. Barthes (1979, p.16) observa que a “literatura está penetrada de social idade”, ou seja, os assuntos utilizados na literatura estão relacionados ao contexto histórico da sociedade, no entanto, por mais que não esteja completamente idêntica ao reflexo da sociedade, a Literatura tem principal importância em mostrar os problemas vivenciados pela sociedade de determinado período.

Os desdobramentos que ocorreram no fim do século XIX proporcionaram um novo estilo à literatura. Barthes (179, p.22) relata que a “literatura busca-se definir enquanto dado objetivo, concreto, observável”. Assim, nota-se que, dentro da estética naturalista, a ficção passou a trazer para dentro da arte literária uma visão objetiva, passando a se preocupar com o meio social, principalmente com as classes mais baixas. Segundo Cademartori (2003, p. 47), na literatura “busca-se descrever a estrutura da sociedade contemporânea em todas as suas peculiaridades, identificando os interesses, as valorações e as mudanças sociais”. Baseado nisso, entende-se que nesse período a literatura se interessou em expor os conflitos presentes na sociedade, marcas que se fizeram presentes na literatura desse período.

O negro na Literatura foi apresentado de maneira preconceituosa no decorrer da época. Antes da abolição da escravidão, a sua representação do negro na narrativa literária era completamente nula. Os escritores não lhe deram tanta atenção, isso talvez se explique devido ao pensamento conservador da época, que enxergava como um ser que não se enquadrava nos aspectos exigidos pela sociedade, que apenas exaltava indivíduos que possuíssem como descendência a pele de cor branca. Sendo assim, só a partir do final da era romântica, os autores passam a retratar o negro na ficção de forma miserável, cruel e piedosa, graças aos movimentos abolicionistas.

Contudo, durante as lutas abolicionistas, em 1875, surge a primeira obra literária a retratar o negro como herói na literatura, a obra *A escrava Isaura*, do escritor Bernardo Guimarães. Porém, a personagem descrita, mesmo sofrendo as

mesmas privações de um escravo negro, era branca, com traços europeus, provavelmente na tentativa de buscar identificação com o público leitor.

No século XIX, o Brasil era um polo receptor das ideias da França, seria apenas uma questão de tempo para que as ideias naturalistas fossem incorporadas ao ideário cultural brasileiro. No país, a tendência manifesta-se nas artes plásticas e na literatura. Em relação ao teatro, várias peças francesas são encenadas no Brasil, mas não retratam a produção de textos nacionais. Destacamos também as artes plásticas presentes na produção dos artistas paisagistas do chamado Grupo Grimm.

Inspirado nas ideias amplamente divulgadas na França, o Realismo/Naturalismo brasileiro explora algumas teorias científicas, uma delas é a teoria determinista. Para esta teoria, o romance naturalista é o espaço fundamental para o condicionamento do homem, que explica a hereditariedade, a crença de que os homens seriam o que são pela genética, pelo meio e pelas circunstâncias, afirmação que será confirmada na análise da obra, mais especificamente na figura do personagem Raimundo, uma vez que este é filho de um fazendeiro português e de uma escrava, sendo assim, um mulato, daí a origem do título da obra.

Nesse período, segunda metade do século XIX, os escravos viviam em situação subumana, pois não se tinha com eles cuidado algum, eram somente para o trabalho, para cumprir as ordens de seus senhores ou donos, como também eram chamados os grandes fazendeiros.

Com formulação da Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, os escravos criaram muitas expectativas de mudança, porém essa lei causou muitas decepções para os que iam se tornando livres, pois não acontecia como todos queriam ou imaginavam que fosse, pois para a liberdade era preciso que se pagasse uma indenização aos seus donos ou que se colocasse outro ser para se trabalhar no lugar até aos vinte e um anos de idade. A indenização fazia com que o escravo trabalhasse, ainda por muito tempo, na fazenda para o seu senhor, além disso, também ocorria, como se pode observar nas crianças que nasceram após essa data, o registro com datas anteriores a estas para que assim não fossem beneficiadas com a lei.

Os grandes senhores da época viam essa lei como uma ameaça para a economia, além da perda das regalias que a elite possuía, assim como uma desmoralização ao direito de posse sobre o escravo, pois para os senhores o fato de ter e mandar no escravo eram comparados a uma ordem de Deus, que foi Ele quem

colocou as coisas desse modo. Segundo Conrad (2000, p.137), “as primeiras libertações de escravizados só ocorreram em 1876”. Com isso, acredita-se que não foram muitos os privilegiados com a Lei do Ventre Livre, e esse descaso fez com que os negros se unissem e realizassem fugas constantes.

Todo esse processo de relação entre escravos e senhores, de violência contra os escravos era costume na sociedade brasileira e esses fatos marcaram o período que corresponde ao Naturalismo. E para que a mudança de comportamento acontecesse era preciso mudar também a forma de pensar das pessoas que viam o negro somente para o serviço, pois o trabalho escravo criou uma visão de hierarquia, onde uns mandam e outros obedecem, então era difícil que se tivessem na época uma visão diferenciada da existente até então. E, como era de se esperar, na Literatura o que se escrevia sobre o negro refletia a sociedade vigente.

3.1 Aluísio Azevedo: introdutor do Naturalismo brasileiro

Diante das palavras de Carlos Faraco (1996), Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em 14 de abril de 1857, filho de David Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Pinto de Magalhães. Seu pai era vice-cônsul do governo português e sua mãe era uma mulher letrada, que sempre incentivou Aluísio e seu irmão Artur pelo gosto da leitura, com isso tiveram contato com os livros desde cedo. Antes de se tornar escritor, trabalhou como caixeiro e guarda livros, desde cedo revelou grande interesse pelo desenho e pela pintura, o que certamente auxiliou no investimento da técnica que aplicaria mais tarde ao caracterizar os personagens de seus romances.

Aluísio sonhava em fazer um curso de belas artes, mas a cidade de São Luís do Maranhão não era uma cidade apropriada para realizar seu sonho. Sendo assim, em 1876, foi para o Rio de Janeiro, com o intuito de conseguir meios para estudar pintura na Itália. Coutinho (2004, p.76) ressalta que “é sabido que antes de se fazer escritor, Aluísio revelara acentuados pendores para o desenho e a pintura.” Assim, matriculou-se no curso de Belas artes e, para se manter produzia caricatura, especialmente de políticos, usados nas ilustrações dos jornais da época, *O fígaro*, *O mequetrefe*, *Zig-zage* *A semana ilustrada*.

Dessa forma, a partir dos desenhos que Azevedo criava, utilizava para os seus personagens que escrevia em seus romances. A sua permanência no Rio de

Janeiro durou dois anos, devido ao falecimento de seu pai em 1878, com isso foi obrigado a voltar para São Luís para cuidar da sua família. A partir de então, finaliza sua carreira de pintura e começa a de escritor, tendo a sua primeira obra lançada em 1879, o romance *Uma Lágrima de uma Mulher*.

O romancista teve como influência Eça de Queirós. A esse respeito, Coutinho (2004, p.77) ressalva que “Eça abriu a Aluísio o caminho para o naturalismo”. Ou seja, o escritor português usava de um padrão de romance que harmonizava a polêmica com a arte. Assim, o contato de Aluísio com as obras *O crime de Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, contribuiu para o escritor mudar o seu estilo por completo, em outras palavras, essas obras foram cruciais na sua mudança literária. Coutinho (2004, p.77) menciona que:

O romancista alterara por inteiro o seu estilo, a sua compreensão da arte literária, o seu processo de narrar, ao mesmo tempo que, modificando a sua compreensão da vida de província, se atirava contra ela, com toda veemência da sua juventude de sua índole polêmica.

Desse modo, afirma-se que Aluísio depois do seu primeiro romance aprecia uma nova concepção da arte literária, o que também propiciou a ter outro entendimento de vida da província. Com isso, à medida que o escritor conhecia em profundidade a sociedade, se rebelava com toda intensidade que carregava do seu gênio polêmico.

Moisés (1989, p.41) fala que “Aluísio é todo em favor da literatura de combate, de ação social, lição que também a colheria na leitura de Eça, seu mestre a tantos respeito”. De acordo com o autor, Aluísio se dispôs completamente a serviço da literatura da luta social, e a isso resultou também ao efeito da afinidade que Aluísio adquiriu com as narrativas do escritor português. Nesse período, quando o romancista retorna ao Maranhão, estava circulando um jornal chamado *A civilização*, que defendia o clero. O escritor com suas ideias mordazes participa de um jornal anticlerical no Maranhão, por esse motivo a sociedade passou a ter inimizade com ele, sendo também criticado pelo jornalista da província que era a favor do clero. Desse modo, o romancista afirma em seu 3º prefácio:

À lavoura, meu estúpido! À lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances! Isto sim é real. A agricultura felicita os indivíduos e enriquece os povos! A foice é a enxada! (...) Como se ver, não segui o conselho do único jornalista da minha província, que se dignou criticar o meu primeiro livro: não quebrei a pena, nem me atirei à lavoura (...).

Baseado no prefácio nota-se que quando foi anunciado o romance *O Mulato* na província maranhense, Aluísio com a sua narrativa, foi alvo de muitas críticas da população e, também por jornalistas da cidade de São Luís, pelo fato de retratar casos discriminatórios que se passavam na sociedade da respectiva cidade, dessa forma o romancista passou a ser visto com uma pessoa maléfica.

A publicação de *O mulato*, em 1881, foi apoiada por anúncios na rua, cartazes do jornal *A pacotilha*. De acordo com Miguel-Pereira (1973, p.144), “foi com *O Mulato* e como iniciador do romance realista no Brasil, que Aluísio Azevedo se impôs à atenção dos letrados e do público”. Foi, portanto, com esta obra que este se tornou um autor renomado, e considerado o introdutor “oficial” do naturalismo brasileiro.

O escritor tratou pela primeira vez na ficção nacional com uma visão aberta de embate dentro de um centro urbano que ainda carregava uma ideologia ligada ao Brasil colônia. Aluísio abordou assuntos que eram considerados polêmicos para a época, como a corrupção do clero e a escravidão. Dessa forma, a sociedade maranhense, não concordando com a atitude do escritor por sua vez, se sentiu insultados. Em decorrência disso, a população se rebelou contra Aluísio o que fez com que retornasse ao Rio de Janeiro.

O romancista se preocupou com os problemas sociais, assim, preferiu trabalhar em suas obras, temáticas de lutas contra o clericalismo, preconceito racial e os problemas da população de classes baixas, com isso procurava construir em seus personagens uma fiel realidade da sociedade brasileira. De acordo com Reis (1999, p.360-361), “uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz (...)”.

De acordo com o mencionado acima, pode-se entender que, através da construção de uma personagem, conhecemos a realidade social que está sendo apresentando dentro da obra. Assim, segundo Moisés (1989, p. 40), “*O mulato* procura ser o retrato da burguesia maranhense dominada pelo preconceito de cor e pelos dogmas religiosos”. Dessa forma, fez uma denúncia da hipocrisia burguesa, já que procurou pintar com fidelidade a realidade social da sociedade provinciana do Maranhão no século XIX. Através de suas observações profundas e críticas, tentou compreender quase que cientificamente as causas dos problemas existentes, com a finalidade de chamar atenção da população apresentando as causas da sociedade.

Nesse aspecto, Aluísio demonstrou sua audácia em desvendar as mazelas de um meio tradicional que era pouco acessível às mudanças que ocorria nas grandes cidades do sul brasileiro. O preconceito foi uma das marcas da realidade brasileira que Azevedo analisou em seus romances de caráter naturalista. Sobre o romance *O Mulato*, Coutinho (2004, p.77) argumenta que “o livro reflete o ambiente de luta que envolvia o romancista. No desenho das personagens, na pintura do ambiente, na escolha dos tipos e no jogo das situações, o romancista deixa transparecer o seu ânimo rebelado”.

De acordo com o autor, Aluísio descreveu, nessa obra, problemas que vivenciou na sociedade maranhense e, assim, mostra com entusiasmo a sua revolta através da descrição dos personagens, e na representação do espaço dentro da obra, principalmente contra o preconceito de cor.

Em 1881, com a publicação da obra *O Mulato*, Aluísio Azevedo, o precursor do Naturalismo, relata em seu prefácio, que “durante a gestação não me preocupei absolutamente com o efeito que o livro teria de produzir sobre o público, nem tampouco com a escola donde ele procedia”.

Deste modo, o autor deixa claro a sua bravura, não temendo o teor explosível que a obra causaria na sociedade na época, pois o escritor abordou assuntos muito polêmicos, o preconceito que os brancos, tinham com o negro e o mestiço e a corrupção do clero.

Na época, o clero tinha grande poder sobre a sociedade, dessa forma Aluísio considerava como um dos pontos que causava atraso na sociedade de São Luís do Maranhão, o que impulsionou o romancista apresentar em sua obra o comportamento que proporcionou relatos da postura do Clero.

No capítulo que segue, compreenderemos como é a representação do negro e da sociedade escravista na obra *O Mulato*, descrita pelo o autor Aluísio de Azevedo.

4. ANÁLISES DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO ROMANCE *O MULATO*¹

A obra em estudo possui como protagonista o personagem Raimundo, que é apresentado como um indivíduo que possui a pele mestiça. Nesse sentido, é válido ressaltar novamente que o autor descreveu o personagem para expor as discriminações raciais, que acometiam o indivíduo que possuía a cor da pele negra, dentro da sociedade de São Luís do Maranhão, no século XIX. Ressalta-se que a análise será feita com base nos personagens Maria Bárbara e Diogo. Essa escolha dá-se pelo fato de que as atitudes discriminatórias em torno do personagem Raimundo, são bastante perceptíveis, principalmente por parte desses personagens em questão. Com base nisso, destaca-se também que, no decorrer da análise, serão apontadas algumas evidências do trabalho do negro na obra.

O enredo da narrativa de *O Mulato* é contado em terceira pessoa, sendo o narrador onisciente. O narrador conhece toda a história e mostra-se todo interior das personagens apresentando seus sentimentos e pensamentos das mesmas. No que diz respeito ao narrador, Géraldi Genette (1972 apud SOARES, 2004, p.30) relata que um narrador, “onisciente, que, em terceira pessoa, é o contador da história, sem participar ativamente dela, mas conhecendo os sentimentos mais interno das personagens”. Sendo assim, nota-se que o narrador de *O Mulato*, conhece e domina todos os fatos e todos os personagens da narrativa.

De acordo com Mérian (apud, 1988, p.284), Aluísio, ao mencionar a questão da escravidão, não apresenta um debate acerca da condição dos escravos no Maranhão em seu romance. Dessa forma, Aluísio faz apenas uma abordagem de alguns aspectos dos trabalhos dos escravos e do tratamento que eles recebiam, apresentados por alguns personagens na obra.

Ao iniciar a obra, o narrador começa apresentando detalhes do espaço da cidade de São Luís do Maranhão:

(...) A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que não se podia sair á rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida: as folhas das arvores nem se mexiam; (...) Em certos pontos não encontrava viva alma na rua: tudo

¹ Nossas análises terão como base fragmentos do romance *O Mulato* de Aluísio de Azevedo edição de 1996.

estava concentrado, adormecido: só os pretos faziam as compras para o jantar ou andava no ganho. (1996, p.15)

Com base no fragmento acima, nota-se também que essa passagem mostra a concentração de escravos na província, e determinados tipos de trabalhos praticados por eles, e com isso percebemos que a sociedade era dependente dos serviços dos escravos. Dessa maneira, o leitor é levado a ter uma visão do escravo na sociedade.

Sendo assim, o romance mostra a descrição de como era a comercialização do escravo na província maranhense:

Os corretores de escravos examinavam á plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu os ombros e nas coxas experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos. (1996, p.16)

De acordo com a ilustração acima, percebe-se que o negro era uma propriedade de domínio do branco, assim para que atendessem aos tipos de trabalhos que eram submetidos pelos proprietários, era preciso estar em boas condições físicas, dessa maneira, eram examinados como um animal selvagem, sem alma e sentimento.

No romance, Raimundo era filho de José da Silva (português) e de Domingas (escrava), situação que provocou a rejeição do protagonista da obra por parte da sociedade. Em consequência, foi vítima de muitas discriminações raciais na sociedade em que vivia. Depois do nascimento de Raimundo, José casa-se com uma viúva requintada, rica e branca, Dona Quitéria, amante de Diogo. Assim, depois de alguns dias, ela desconfiada da dedicação do seu marido com Domingas e dos cuidados com seu filho, Raimundo, passa a sentir ciúmes. Dessa maneira, manda torturar a escrava, como se vê abaixo:

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, a ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra criança. (1996, p.43)

De acordo com o excerto acima, destaca-se que a escrava Domingas foi castigada severamente pelo fato de ter um filho com José. Nisso, nota-se que, logo

no início da obra, é possível compreender que nesse período, não era permitido em hipótese alguma, o relacionamento entre um branco e um negro, visto que não era aceitável porque o negro não poderia possuir os mesmos méritos que os brancos. Além disso, o fragmento acima leva o leitor a refletir sobre a punição sofrida pelos escravos, que, de tão violenta, levava, na maioria das vezes, à morte.

Após o castigo sofrido pela Domingas, José fica indignado com a atitude de sua esposa e, com medo de que o seu filho (Raimundo) passasse pela mesma situação, leva-o para os cuidados de seu irmão, Manuel Pescada, que manda o Raimundo estudar em Coimbra.

Raimundo, aos vinte e seis anos, se torna um homem culto, de bons estudos, formado em bacharelado em Direito e gostava de arte. Sem saber de sua origem, retorna ao Maranhão a fim de resolver as questões de sua herança.

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo de acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muitos pretos, lustrosos e crespos, tez morena e amulatada, mas fina: dentes claros que reluziam sobre a negrura do bigode: estatura alta e elegante: pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos grandes e ramalhudos, cheios de sombras azuis. Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente, sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos a política. (1996, p.40)

O narrador descreve o personagem Raimundo como um homem elegante, caracteriza os seus olhos azuis como uma qualidade significativa do seu perfil, que pela genética herdou de seu pai. Nessa descrição, entende-se que, embora Raimundo possua características físicas do pai, ainda assim, ele era mulato com descendência a escrava, por esse motivo, passará a ser rejeitado pela sociedade. Além disso, também se pode perceber que na descrição desse personagem, Aluísio mostra, que na sociedade do Maranhão, o que prevalecia era a cor da pele, independente de qualquer posição social que pertencesse, pois Raimundo mesmo com todo refinamento obtido na Europa, ao voltar para São Luís, não evitou que os Maranhenses tivessem reação discriminatória contra ele.

De acordo com a obra, também se pode entender que com todos os cuidados que o personagem Raimundo teve de seu pai, com a boa formação que obteve ele conseguiu ser igual aos brancos se tornando uma pessoa fina. Com o êxito de

Raimundo, o autor mostra que mesmo não sendo de cor branca, tem capacidades iguais aos brancos.

Na visão de Mérian (2013, p.215) através do olhar do Raimundo é o espírito de Aluísio que transparece. O tédio que reina na burguesia ignorante e medíocre, os preconceitos contra os mulatos, os maus-tratos sofridos pelos escravos”(...). Isso significa que, diante da repugnância do Raimundo perante os costumes da sociedade Maranhense é o próprio Aluísio manifestando a sua crítica contra as atitudes daquela sociedade do Maranhão. O caso do Raimundo ser positivista e republica no adverte nitidamente quais são os conceitos que presidem na visão do autor do romance, as ideias e o regime político que irá nortear o progresso do Brasil. (Skidmore 1976).

Outro aspecto importante no que se refere ao personagem Raimundo é sua chegada ao Maranhão nos leva a desvendar e a conhecer toda a medíocre sociedade provinciana do estado. A denúncia da discriminação racial contra os negros e mulatos, em uma sociedade que mantinha a estrutura do conservadorismo, o comportamento dos padres e a decadência cultural.

Durante a análise, um dos personagens que merece destaque é Diogo, que está envolvido em todo enredo da narrativa. Esse personagem é conhecido como Cônego, de boa aparência, ainda forte e conservado. Era padre e, por esse motivo, era considerado como um homem religioso e de boa índole, devido a isso tinha grande capacidade em manipular as pessoas na sociedade. Mas, na verdade, o Cônego era um personagem sem escrúpulo camuflado e racista, como se vê abaixo:

Era um velho bonito: teria quanto menos sessenta anos, porém estava ainda forte e bem conservado: o olhar vivo, o corpo teso, mas unguindo de brandura de santarrona. Calçava com esmero, de polimento: mandava buscar da Europa (...). Que quando ria, mostrava dentes limpos, todos chumbados a ouro. (1996, p.26)

De acordo com a descrição acima, percebe-se que o Cônego era uma pessoa tida como muito religioso e, principalmente, leal a seus fiéis. Sendo assim, a sociedade tinha grande respeito pelo mesmo. Também era amigo e conselheiro de Manuel Pescada, irmão do pai de Raimundo.

Pescada tinha muita confiança no Cônego, por esse motivo, Diogo estava sempre presente em sua residência, ajudando-o com seus conselhos, mas devido ser um indivíduo dissimulado, suas atitudes estavam sempre de acordo com seus

interesses pessoais na trama. Dessa forma, quando o padre é informado que o Raimundo estava voltando ao Maranhão, apresenta uma posição contrária ao Raimundo e começa a criticá-lo, conforme se percebe abaixo:

Até lhe digo mais... Nem precisava cá vir, por que... Continuou Diogo, abaixando a voz, ninguém aqui lhe ignora a biografia; a todos sabem de quem ele saiu. Ora deixe disso! Retrucou Diogo, levantando-se com o ímpeto. Nós a já temos por aí, mas muito padre de cor. Deviam ser burros! burros! Que só prestassem mesmo para nos servir! Malditos!(1996, p.29)

Diante dessa passagem da obra, percebe-se que o padre Diogo, ao saber que o Raimundo retornará a sua terra natal, se manifesta contra essa notícia, deixando claro que não concorda com a volta do “mulato”, pois despreza a raça do negro e mestiço, independente de quem seja a pessoa.

Mérian (2013, p.260) relata que “o Cônego Diogo homem aparentemente honesto e respeitado por seus fiéis, é um padre pérfido, luxurioso e assassino, guiado pelo ódio”. Baseado nisso o Padre Diogo demonstra ser uma pessoa contrária do que é na realidade, é desleal que age contra os dogmas da religião católica, e que influenciava as famílias Maranhenses a permanecerem carregando uma conduta tradicional, o pensamento discriminatório contra o homem de cor.

O Raimundo chega à província do Maranhão, e José Pescada, na qualidade de tio, hospeda Raimundo em sua casa. Essa parte da obra é importante porque é a partir desse momento, que Raimundo conhece sua prima, Ana Rosa, conforme abaixo:

Raimundo e Ana Rosa ficaram a sós defronte um do outro; ela, de olhos baixos, confusa, na aparência quase aborrecida; e ele, de cara alegre, a observá-la com interesse, gozando em contemplar, assim de perto, aquela provinciana simples e bem disposta, que se lhe afigurava (...). Notou-lhe então a frescura da pele, a pureza da boca a abundâncias dos cabelos, Achou a bem tratada; as mãos claras, os dentes asseados, a tez muito limpa, fina e lustrosa, na sua palidez, simpática de flor do Norte. (1996,80)

Como foi possível perceber, esse trecho remete à primeira vez que Raimundo e Ana Rosa ficam a sós na narrativa, sendo assim, ao se aproximarem, Raimundo percebe a sua beleza, suas qualidades que antes, não tinha percebido, por sua vez, desperta interesse por ela. A partir desse momento começa o Romance, mas, na verdade, Raimundo não imaginava que o seu tio, pai de Ana Rosa já tivesse um

pretendente para casa-se com sua prima, que era o Luís Dias português (caixeiro) que trabalhava com o Manoel Pescada no comercio muito de sua confiança.

Sendo assim, Raimundo não conhecendo sua procedência faz planos de casar com Ana Rosa. Durante o trajeto da viagem com seu tio para a fazenda pede a sua prima em casamento. Mas, ao pedir o consentimento do casamento ao pai de Ana Rosa, é recusado o seu pedido, pelo fato de ser filho de uma escrava. Como afirma nesse trecho da obra:

...
 -O senhor é um homem de cor... Infelizmente esta é... é a verdade.
 -Já vê meu amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que para realiza-lo, teria que quebrar a promessa a -Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava minha sogra ,de não dar a neta senão a um branco de lei (...) O senhor, porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos! O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... (1996, P.167)

Diante desse trecho percebe-se que Raimundo por ser filho de uma escrava, não recebe o consentimento do pai de Ana Rosa para casar-se e, devido a isso, Pesca das esclarece a Raimundo, o motivo de não concordar a concretização do casamento, sendo um dos motivos à promessa que tinha com a família de sua esposa, e, também porque não ficava bem perante a sociedade, um mulato se relacionar com uma moça branca. Com isso, nota-se que por mais que o pai de Ana Rosa (Manoel Pescada) tivesse vontade de permitir o casamento de sua filha com seu sobrinho, não era admissível, pois que era levado em consideração naquela cidade era a visão que a sociedade tinha, em si, e não a opinião de uma única pessoa. Assim, mesmo o Raimundo sendo um homem de boa índole, de caráter, de bons estudos não era o suficiente para a sociedade, por causada sua origem, fato que o levou a ser vítima de discriminação pela a família de Ana Rosa e pela sociedade.

Outra passagem presente na obra em que o Cônego Diogo demonstra atitude discriminatória racial contra o Raimundo é quando o Manuel Pescada relata que seu irmão José da Silva ansiava que o Raimundo se tornasse padre, como se vê a seguir:

Ora deixe-se disso, compadre! Nós já temos por lá muito padre de cor.

-Mas compadre, venha cá! Não é isso... -Ora o quê! homem de deus! - O governo!-e o Cônego inchava a voz -o governo devia até tomar uma medida séria a esse respeito, proibira os cabras certos misteres -Mas compadre você O cônego despertou:- padre?-Era vontade de José.
-Desta vez não tem razão!-Ora homem não diga asneira! Você queria vê sua filha sendo confessada, casada por um negro?
Você queria compadre que sua filha beijasse a mão de um filho de Domingas? (1996, p.30)

Diante dessa citação observa-se que o Padre Diogo se incomoda com o relato do Pescada, ao mencionar que seu irmão, José da Silva, desejava que Raimundo viesse a se formar em padre. Assim, por meio da reação do Cônego fica nítido a sua discriminação com Raimundo, e que, na sua percepção, o negro ou mulato não tinha direito de exercer nenhum tipo de profissão, só seria possível a pessoas que tivesse a cor da pele branca, pois o único destino visto à condição do rapaz era de subalterno. Moisés (1989p. 40) relata que maus sacerdotes, em suma, como o Conego Diogo, falso e canalha a ponto de, afora intrigar e caluniar, ter sido o autor intelectual do assassinio de Raimundo. Diante da atitude do Cônego entende-se que o personagem Diogo ilustra o comportamento dos maus padres da província do, Maranhão.

Cônego Diogo sempre perseguiu a hereditariedade de Raimundo, após ter sido amante da esposa do pai do Raimundo, ainda foi o mandante do seu assassino. Dessa maneira, sempre tentava colocar a família de Ana Rosa contra Raimundo, sabendo que Dias tinha interesse pela Ana Rosa, o induziu a mata-lo o Raimundo quando tentava fugir com Ana Rosa, como podemos perceber abaixo:

O que, pois lhe compete fazer?-Repeli-lo! Fizeram se lhe todas as admoestações; ele insiste mate-o! Qual é o direito dele? Nenhum! Um negro forro a pia não pode aspirar á mão de uma senhora branca e rica! É um crime! É um crime que o facinora quer, a todo transe, perpetrar contra a nossa sociedade e especialmente contra a família do homem a quem você se dedicou, uma família que, por bem dizer já é sua. (1996P, 232)

O cônego era um grande vilão que, através dos conflitos das famílias do Maranhão, tentava tirar proveito, a favor de si próprio, dessa forma convence Dias a tirar a vida de Raimundo, alegando que ele era um empecilho para casar com Ana Rosa. Segundo Miguel-Pereira (1973, p.148) “Mas estes dois são bastante forçados, representando os vilões brancos em oposições ao nobilíssimo mulato”. De acordo com a autora, o cônego e o Dias são os personagens que representam na obra as rebeldias contra o mulato. Em virtude disso, é possível que o leitor compreenda que

o indivíduo que viesse a ter a pele escura era muito desprezado pela sociedade da época.

De acordo com Mérian (2013, p.293) o assassinato de Raimundo é explicado pelo desejo do romancista de mostrar todas as implicações e consequências da discriminação racial do Maranhão. Diante do mencionado, com a morte do protagonista Raimundo o autor mostra os efeitos de um relacionamento proibido em uma sociedade racista, e que não tinha possibilidades de aceitação do branco com uma pessoa da pele escura.

Maria Bárbara era avó materna de Ana Rosa. A convite do Manoel Pescada, após a morte de sua esposa Mariana, Maria Barbara passa a conviver com Ana Rosa, mas era uma senhora que vivia de ira, e possuía muito preconceito com negros e mulatos, como fica claro na citação abaixo:

Era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por habito e por gosto; só falava a gritar e, quando se punha a ralhar , -Deus nos acuda!-incomodava toda a vizinhança! Insuportável!(...) Tinha o verdadeiro tipo das velhas do Maranhão criadas na fazenda. Tratava muito dos avôs, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulo de sangue. Quando fala nos pretos, dizia “os sujos” e ,quando se referia a um mulato ,dizia o “cabra” (1996, p.18).

Nesse fragmento, Maria Bárbara é uma pessoa difícil, intolerável e beata, que tinha grande apreço pelos portugueses. Dessa maneira, na narrativa percebe-se que o autor projetou nessa personagem Maria Bárbara uma personagem que representa o racismo nas senhoras brancas da sociedade maranhense.

Maria Bárbara, como era uma pessoa tida como preconceituosa, ao conhecer Raimundo na casa de seu genro, percebe que ele é mulato e passa a se referir a como o “cabra”. Temendo a possibilidade da aproximação do Raimundo com a sua neta Ana Rosa, se coloca contra o mesmo. Dessa forma, após a hospedagem do Raimundo na casa do Manoel Pescada, a Maria Barbara começa a relatar que depois da vinda do mesmo a casa parecia excomungado, ou, seja todos os conflitos que ocorresse na casa do Pescada, a mesma acusava o Raimundo como o único culpado, porque a Maria Barbara considerava o Raimundo, como uma pessoa maldita pelo fato de sua cor e, quando descobre que o Raimundo é maçom, conclui definitivamente que o mesmo faz parte do maldito como afirma abaixo:

Sabe? Já descobri tudo!
-Tudo, o quê?

-O motivo de todas as desgraças, que nos tem acontecido ultimamente.
 -O cabra é bode (.).
 -É maçom.? (1996, P.139)

Na cidade de São Luís do Maranhão, a pessoa que fosse maçom era considerado sem religião, sendo assim passando a ser visto com uma pessoa sem fé, desacreditado de Deus, e devido a esse fato, a população era totalmente contra esse comportamento. Maria Bárbara é justamente uma dessas pessoas como mostra na passagem da obra acima, que segundo ela além de ser mulato ainda era um maçom, assim recusava-o cada vez mais.

Nesse sentido, quando Bárbara fica sabendo que Raimundo tinha planejado se casar com Ana Rosa e pedido a sua mão ao Pescada deixa bem claro que nunca apoiaria essa relação, como pode ser evidenciado neste trecho:

Pois olha: se tivesse de assistirão teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está iluminando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue ! Deus me perdoe pelas santíssimas chagas de Nosso senhor Jesus Cristo! Gritava ela, pondo as mãos para o céu revirando os olhos, mas tinha animo de torcer o pescoço a uma filha, que se lembrasse de tal, credo! Que nem falar nisto é bom! (1996, P.179)

De acordo com argumento acima, é possível perceber que Maria Bárbara se encontra furiosa pelo o fato de saber da possibilidade do casamento do Raimundo com sua neta, pois caso realizasse o casamento entre ambos era um escândalo para sua família, sendo assim preferia a morte a sua neta, a assistira mesma casa da com um filho de escrava, não admitia nunca que desmoronasse sua família.

Diante das análises realizadas foi possível perceber, as consequências causadas pela discriminação racial na sociedade do Maranhão no século XIX. Assim, a cor da pele era um fator que determinava em qual classe social pertencia, a pessoa que tivesse uma descendência escrava, era vítima de muita discriminação sendo excluído da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, percebemos como uma narrativa bem elaborada pode mostrar como era uma sociedade escravista e preconceituosa, sendo que a literatura funciona como base para a compreensão de muitos fatos históricos. Este trabalho ainda levará os leitores da obra *O Mulato* a relê-lo a mesma de forma crítica, compreendendo como Aluísio Azevedo mostra a discriminação sofrida pelo negro e o pensamento racista, representando o contexto e características nas quais a obra foi escrita.

Também percebemos que a própria vida de Aluísio de Azevedo na infância e na adolescência pode ter influenciado na escrita de uma obra que denuncia o preconceito racial e mostra uma sociedade discriminatória e hipócrita. Foi possível entender o preconceito racial por meio do comportamento dos personagens analisados Diogo e Maria Barbara diante do personagem Raimundo, assim verificou-se que o autor os ilustrou como representantes de uma sociedade que não considerava o negro como integrante social. Importante foi perceber como o ambiente em que a narrativa é contada foi tão bem descrito pelo autor ponto que leva os leitores a imaginarem as cenas que vão transcorrendo com a leitura da obra.

Desse modo, a literatura trabalhada aqui ajuda-nos a refletir sobre problemas sociais sofridos pela nossa sociedade em épocas passadas e que refletem até hoje em nossos meio, problemas estes que já deveriam ter sido erradicados, porém muitas pessoas ainda insistem em serem preconceituosas e mesquinhas.

Enfim, esta pesquisa teve como foco principal investigar, na literatura, os fatos que mostram que o negro era discriminado em nosso país e em São Luís do Maranhão já quase no final da escravidão no Brasil. A obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, é crucial para a compreensão das questões raciais desta época, proporcionando uma aprendizagem significativa a respeito dos escravos e mestiços. Portanto, pode-se dizer que o livro, hoje, deve ser usado na literatura para compreensão histórica e social dos pontos mais questionados e debatidos de nossa sociedade.

Neste trabalho foi possível analisar alguns aspectos relacionados à obra, entretanto sabemos que numa perspectiva de pesquisa muitas são as possibilidades

de análises que a obra nos permite, por isso ressaltamos que o trabalho não é conclusivo aberto , portanto às contribuições e reformulações , tendo em vista que a pluralidade de interpretações fazem parte do processo de aprendizagens do leitor e de quem se propõe a escrever sobre um tema tão real e polêmico como o preconceito racial, pois este não está presente somente em personagens da literatura, mas em quase todos os segmentos da vida real.

Esperamos contribuir com outras pesquisas, sobretudo no contexto escolar, porque a forma como abordamos a literatura em sala de aula não tem conduzido a prática de ações críticas e reflexivas acerca do papel de estigma vivenciado pelo negro na construção histórica de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. 13ed. São Paulo, 1996.

AZEVEDO, Thales de. **Democracia Racial**. Vozes: Petrópolis. 1975

BARTHES, Roland. **O que é Literatura**. S.A. Rio de Janeiro. 1979.

BORGES, Dayane Aparecida Barbosa. **As questões Raciais Refletidas na obra o Mulato de Aluísio Azevedo**. Monografia. Universidade Jussarago,49F.

BOSI, Alfredo. **Historia Consisa da literatura brasileira**. 43 ed. Cultrix: São Paulo, 2006.

BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CANDERMATORI, Lígia. **Períodos literários**. 9ª ed. Ática. São Paulo. 2003.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil**. Ed. Liv. Brasileira: Rio de Janeiro, 1975.

COSTA, Emília Viotti. **Da monarquia á republica** da 8ª ed. São Paulo, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução a literatura no Brasil**. 18 ed. Rio de Janeiro BERTRAND Brasil, 2005.

FERRETI, Mudicarmo. M. R. **Pajelança do Maranhão no século XIX**, o processo de Amélia Rosa. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**.1ª ed. São PAULO. 1999

HANSEBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de Negro**. 2ªEd.Marco zero. Rio de Janeiro. 1982.

MARQUES, C. apud MÉRIAN, J, Y. **Aluísio Azevedo Vida e Obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro, Minc/ Pró-Leitura/ INL, 1988.

MÉRIAN, J, Y. **Aluísio Azevedo Vida e Obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro, Minc/ Pró-Leitura/ INL, 1988.

MIGUEL-PERREIRA, Lucia. **História da Literatura Brasileira**. 3ª Ed. Rio de Janeiro. 1973.

MOISES, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. 2ªed.Cultrix: São Paulo. 198

MOURA, Clovis. **Sociologia do Negro Brasileiro**2ª ed. Cortez. São Paulo. 1988

NOTA 134: **Os Bailes De Escravos** in “Diário do Maranhão”, São Luís do Maranhão, 22.9.1875, p.2.

REIS, Carlos. **O conhecimento da Literatura**: Introdução aos estudos literários. 2 ed.Almeidinha:Coimbra,1999.

SILVA, Francieide Maria da. **As questões raciais representadas em o Mulato**. Monografia Universidade Estadual da Paraíba. UEPB 2004

SKIDMORE, Thomas **E Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento**

SOARES. Angélica. **Gêneros Literários** 6ª ed. Afiliada. São Paulo. 2004.

SONDRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. S. A Rio de Janeiro. 1965.

ZOLA, Emile. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro**. S.A. São Paulo-Brasil. 1979.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, **Vandelma Silva Carvalho**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A REPRESENTAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO AZEVEDO de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 17 de março de 2015.

Vandelma Silva Carvalho
Assinatura

Assinatura